

PEÇA BAIANA REPRESENTA O BRASIL EM ANTOLOGIA DE TEATRO LATINO-AMERICANO

Armando Bião¹

Em 2010, saiu o primeiro tomo de uma *Antología de teatro latinoamericano*, relativo aos anos 1950-2007, pelo *Instituto Nacional del Teatro*, sediado em Buenos Aires. Em suas 730 páginas, acompanhadas de um DVD, encontram-se 25 peças, entre as quais só uma em português: **Três Mulheres e Aparecida**, de Aninha Franco. 23 delas são de autores de língua espanhola: 14 argentinos, seis colombianos, dois bolivianos e um costa-riquenho. Os outros dois são de brasileiros, mas **El Gran Acuerdo Internacional del Tío Mac Pato**, no original em castelhano, de Augusto Boal, em seu exílio em Buenos Aires, possui forte sotaque argentino. Assim, por temática e língua, o Brasil só está mesmo aí representado pela peça baiana.

O projeto original de seus organizadores, Lola Proño Gómez, do *Pasadena City College*, e Gustavo Geirola, do *Whittier College*, que vivem e atuam nos EUA, na Califórnia, como declaram no Prólogo, era reunir peças teatrais latino-americanas curtas, para serem trabalhadas em uma só aula, com estudantes de castelhano e de cultura e literatura latino-americanas. O que foi feito com bolsas da agência norte-americana de fomento à pesquisa *National Endowment for Humanities*, gerando farto material (inclusive de imagens).

No decorrer do projeto, seus organizadores teriam percebido a importância da publicação do material reunido, acrescido de breves introduções sobre o contexto histórico-cultural de cada país no período e de rápidas apresentações de cada autor, para o que, convidaram pesquisadores de vários países e buscaram editora fora

dos EUA, onde tal trabalho não despertaria interesse. A Argentina, com sua forte tradição editorial, de boas livrarias e muita leitura, proveu as condições necessárias para sua realização, que pode dar suporte ao ensino da cultura latino-americana em todo mundo, onde houver quem se interesse por nós, particularmente nosso teatro. E é nesse contexto, que podemos entender ser baiana a mais autêntica representação brasileira.

É fato que, segundo Jean Duvignaud, só em metrópoles existem artes do espetáculo profissionais, enquanto atividade coletiva, contínua, regular e permanente. E Salvador, mesmo sendo a terceira cidade brasileira em população, dificilmente pode ser caracterizada como tal. De fato, nesse sentido, por aqui, ainda são bem raros os profissionais (mesmo com a exceção maior dos numerosos profissionais da música e outra menor, dos técnicos do áudio visual).

Mas, até na forma, a Bahia se assemelha ao Brasil (e este à América do Sul) e, no imaginário nacional, tudo passa por aqui. No auge dos concursos internacionais de beleza, toda Miss Brasil se vestia de baiana, mesmo não sendo... Aliás, foi nessa época, que, graças à riqueza do cacau, do petróleo e da energia hidroelétrica, saímos do “estado de conserva”, no dizer de Roger Bastide, no qual vivíamos desde 1763, quando perdemos o status de capital do país. Em pleno *boom* dos anos 1950, quando foi criada a primeira escola universitária brasileira de teatro, confirmou-se nossa vocação de vanguarda, com a liderança baiana na bossa nova e no cinema novo e, depois, no tropicalismo. Pelo tema e pela forma, a peça de Aninha é bem baiana, bem brasileira e bem latino-americana e representa bem as melhores qualidades do teatro baiano e de sua dramaturgia.

¹ Ator, encenador, pesquisador do CNPq e professor da UFBA.